

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Kamila Kniphoff Jandrey

MOVIMENTOS DE APRENDIZAGEM:
uma sala de aula organizada em grupos

Porto Alegre
2º Semestre
2014

Kamila Kniphoff Jandrey

MOVIMENTOS DE APRENDIZAGEM:

uma sala de aula organizada em grupos

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Darli Collares

Porto Alegre

2º Semestre

2014

Dedico este trabalho aos meus eternos professores, Valmir e Jaine. Vocês me ensinaram o que é o amor.

AGRADECIMENTOS

A minha querida família, meu porto seguro, meu bem mais precioso. Sou grata pelo imensurável carinho, apoio e paciência. Valmir, Jaine, Nicolas e Vinícius, a vocês meu eterno amor e gratidão!

A quem me orientou e indicou caminhos, leituras e perspectivas. Obrigada, Profª Darli!

A meus pequenos, e sábios, alunos. Obrigada pelo ano incrível!

As minhas confidentes, Laura, Stéfani e Paula. Durante quatro anos, compartilhamos sorrisos, lágrimas, reflexões, desabafos e sonhos. Eu guardarei, com saudade, todos os nossos momentos juntas.

Por fim, a Deus, meu guia e protetor. Descanso na certeza de Suas promessas.

*Enquanto houver você do outro lado
Aqui do outro eu consigo me orientar
A cena repete, a cena se inverte
Enchendo a minha alma d'aquilo que outrora eu
Deixei de acreditar.*

Fernando Anitelli

RESUMO

Este trabalho estuda as possibilidades e desafios da utilização de grupos na sala de aula. A importância deste estudo está sustentada no pressuposto de que o aluno constrói conhecimento e, enquanto ser humano, tende à vida em sociedade. A temática deste estudo é um convite a repensar as concepções atribuídas a aluno, professor e sala de aula. Para tanto, os caminhos metodológicos foram trilhados a partir da observação, participação e docência em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental e nas falas de alunas do curso de Pedagogia que experienciaram os grupos em suas salas de aula, durante o estágio curricular. Desta forma, esta investigação, de tipo etnográfico, pretende dialogar sobre a organização de grupos e suas dimensões nos cotidianos dos sujeitos que habitam o espaço escolar. Destaca-se, a relevância do incentivo à cooperação, interação e significação da sala de aula. Significação esta que desestabiliza o mito de professor transmissor e valoriza os diferentes saberes e contextos de cada personagem da escola.

Palavras-chave: Grupos. Cooperação. Aprendizagem. Anos Iniciais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro “O livro da família”	25
Figura 2 – Capa do livro “Tudo bem ser diferente”	25
Figura 3 – Capa do livro “Por favor, obrigado, desculpe”	25
Figura 4 – Capa do livro “Eu e os outros: Melhorando as relações”	25
Figura 5 – Capa do livro “Caubóis também são bondosos”	25
Figura 6 – “Lá nos grupos todos são legais comigo. Isso é bom, porque eles brincam comigo e quando eu estou triste me animam.”	28
Figura 7- “Eu gosto porque é bom sentar perto dos amigos.”	28
Figura 8 – “Eu gosto muito do meu grupo porque eles me ajudam nas atividades.”	28
Figura 9 – “O grupo é legal porque a gente se ajuda e empresta o material também.”	28
Figura 10 – “Adorei esse negócio de grupo! A gente se diverte e conta piada.”	28
Figura 11 – “Eu acho que o grupo é bem legal porque a gente pode jogar cartinha juntos.”	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 VOCÊ, PRA MIM, MOSTROU QUE EU NÃO SOU SOZINHO NESSE MUNDO	11
2.1 Contextualização da temática	11
2.2 O que são grupos?	13
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	18
4 MEMÓRIAS SOBRE GRUPOS E SEUS SUJEITOS	21
4.1 Os grupos na turma 21	21
4.2 Embates na escola: uma narrativa de resistências	29
5 DIÁLOGOS DA PRÁTICA	31
5.1 O questionário	31
5.2 Análise de textos e contextos	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
SINOPSES DE LITERATURA INFANTIL	44
APÊNDICE A - Questionário	45

1 INTRODUÇÃO

*Coisa boa é um amigo
Pra poder confessar
Cada velha mania
Tu me ensina a viver
Que eu te ensino a sonhar
Cada sonho que havia¹*

O presente trabalho é resultado de meses de práticas e reflexões que nasceram no interior de uma sala de aula, a sala da turma 21. Foi nessa turma que me descobri como professora que acredita na interação dos sujeitos. Foi lá que entendi o construtivismo em sua essência. Acreditar em uma concepção de aluno atuante é, muitas vezes, deparar-se com uma gestão que não acredita. Nessa situação, surgiu em mim a necessidade de justificar e fazer ressoar os motivos que me guiaram à determinada metodologia. Esses motivos ultrapassam a ordem do pedagógico para adentrar o mundo dos ideais que trago comigo. Desejo alunos participantes da mesma forma e na mesma proporção que anseio por cidadãos de uma sociedade mais voltada para o outro do que para si.

Inicialmente, o trabalho de grupos surgiu como um desafio que foi proposto durante o estágio curricular do curso. Empenhei-me nesse objetivo, almejando também obter maior conhecimento e experiência na temática, pouco utilizada em minhas práticas anteriores. A partir desse movimento, conforme descobria com as crianças o que significavam os grupos em nossa sala, aprofundei-me nos estudos que o legitimavam. Devagar, quase que sem perceber, tornei-me defensora dessa proposta. Os dias não foram unicamente felizes, e o trabalho identificará isso, mas foram vividos na tentativa de um objetivo em comum: viver com o outro.

Nessa trajetória, identifiquei a necessidade de escrever e estudar a temática dos grupos em sala de aula. Este estudo me encaminhou a leituras e reflexões antes não realizadas e que muito confirmaram minhas convicções.

No contexto descrito, o estudo relata os momentos mais significativos da

¹Fragmento da música "Autorretrato" da dupla Kleiton e Kledir, disponível em <<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

construção dos grupos em minha turma de estágio. Essas narrativas apontam não apenas os estranhamentos e as observações das crianças, mas indicam minhas percepções enquanto professora que não tinha, até então, essa experiência.

Dessa maneira, o trabalho indicará possibilidades e desafios da utilização de grupos. Esses apontamentos são baseados no que foi vivido por nós, na intimidade da turma 21, e por falas de outras colegas do estágio que descreveram suas vivências com a utilização de grupos e revelaram suas perspectivas acerca da temática.

O estudo está estruturado, neste texto, em cinco capítulos. O primeiro destes é a introdução, que apresenta a proposta e seus objetivos. No segundo capítulo, fundamenta-se o referencial teórico, ressaltando ideias, conceitos e contribuições pertinentes à temática estudada. No terceiro capítulo, consta a descrição de quais foram os caminhos metodológicos que guiaram este estudo. O quarto capítulo narra e analisa o período de estágio em que desenvolvi o trabalho de grupos. O quinto capítulo apresenta narrativas de outras estagiárias acerca dos grupos em suas salas. O sexto capítulo, que conclui este trabalho, é uma breve retrospectiva do que foi visto até então e encaminhamentos para estudos futuros.

2 VOCÊ, PRA MIM, MOSTROU QUE NÃO SOU SOZINHO NESSE MUNDO²

*Coisa boa é um amigo
Pra poder se encontrar
E jogar conversa fora
Tu me ensina a viver
Que eu te ensino a sonhar³
E por aí vamos embora³*

Neste capítulo, relembrarei as etapas que me guiaram até a escolha de estudar sobre a temática da utilização de grupos na sala de aula. Ainda descreverei o que são os grupos, na perspectiva teórica que dá sustentação a esta proposta.

2.1 Contextualização da temática

A partir dos estudos e reflexões motivados pela universidade, identifiquei a necessidade de defender a utilização dos grupos na sala de aula. Esta urgência foi suscitada através das muitas observações que realizei durante a graduação e na realidade que vivo hoje, como professora de um colégio privado de Porto Alegre.

Enquanto estudante do curso de Pedagogia, em inúmeros momentos, ouvi, li e discuti sobre as possibilidades e vantagens da utilização dos grupos na tentativa de fugir de um dos inúmeros mecanismos empregados pela Escola Tradicional. Este modelo escolar é baseado na ordem e disciplina, visualizando o professor como transmissor do conhecimento. Nessa perspectiva, as classes individuais eram organizadas por meio de fileiras; dirigindo o olhar dos alunos à fonte detentora do saber. Becker (1994, p. 89) exemplifica como essa pedagogia diretiva se configura na sala de aula:

As carteiras estão devidamente enfileiradas e suficientemente afastadas umas das outras para evitar que os alunos troquem conversas. Se o silêncio e a quietude não se fizerem logo, o

²Fragmento da música “Cuida de mim” do cantor Fernando Anitelli, disponível em <<http://letras.mus.br/fernando-anitelli/1869336/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

³Fragmento da música “Autorretrato” da dupla Kleiton e Kledir, disponível em <<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

professor gritará para um aluno, xingará outra aluna até que a palavra seja monopólio seu. Quando isto acontecer, ele começará a **dar a aula**⁴.

Como é esta aula? O professor fala e o aluno escuta. O professor dita e o aluno copia. O professor decide o que fazer e o aluno executa. O professor ensina e o aluno aprende.

Este modelo é um dos que, contra o discurso defendido pelos estudos contemporâneos, se perpetua no meio escolar. Acerca de uma das novas teorias legitimadas, Grossi (1992, p. 43) alega:

Justamente o construtivismo inaugura a valorização do agir de quem aprende como elemento central para se compreender algo. O sentido deste agir vem se burilando gradualmente e hoje sabe-se que a ação que produz conhecimento é a ação de resolver problemas. Sabe-se, portanto, que para aprender se necessita possibilitar que a inteligência do aprendente aja sobre o que se quer explicar, isto é, a aprendizagem resulta da interação entre as estruturas do pensamento e o meio que necessita ser compreendido.

Iniciado o estágio curricular, nossa turma de estagiárias foi desafiada a realizar uma reorganização nas salas, propondo todas as atividades através dos grupos. Minha turma de 2º ano, como as demais, não estava acostumada com este modelo e, inicialmente, foi difícil modificar nosso espaço sem refletir sobre as nossas regras e hábitos. Os alunos ergueram-se para reclamar e opinar sobre a reestruturação de seus lugares. As falas apontavam os conflitos relacionados ao convívio social, e foi necessário criar um projeto que abraçasse as problemáticas que estavam surgindo ao nosso redor. O projeto intitulado “Turma 21, tudo bem ser diferente” valorizou as diferenças que possuíamos como sujeitos e como turma, além de evidenciar e exercitar as habilidades sociais incipientes nas crianças.

Enquanto vivenciávamos esse momento de adaptação, algumas colegas do estágio enfrentavam barreiras impostas pelas escolas e pelos pais; outras pareciam sucumbir perante a indisciplina resultante das modificações na sala.

Compreendo a dificuldade inicial proveniente da proposta de um trabalho em grupos e da manutenção de seu funcionamento. Enfrentei minhas próprias dúvidas quanto a sua legitimidade nas primeiras semanas de tentativa.

⁴ Grifo do autor.

Foi necessário repensar meus planejamentos iniciais e modificar os seguintes, a fim de que as propostas incentivassem a criação de hipóteses e de argumentos, estimulando o diálogo e cooperação dos participantes, atribuindo um caráter de “time” à turma.

Ao fim daquele período, as constatações de avanços em minha turma não foram unicamente relacionadas ao âmbito da alfabetização e das competências matemáticas, mas contemplaram também as habilidades sociais de convivência e respeito às diferenças. Uma fala de um dos alunos recebeu destaque durante a realização do projeto: “*Prof, hoje nós aprendemos a aprender com o colega e a ensinar também!*”⁵.

É notório que a organização de grupos pode incitar barulho, conversa e movimento na sala de aula, características não apreciadas na concepção de conhecimento ainda vigente no contexto escolar. Porém, um dos objetivos deste trabalho é refletir acerca da validade desses aspectos na construção coletiva e individual de conhecimentos e aprendizagens.

Partindo destes pressupostos e das experiências vivenciadas, este estudo pretende identificar alguns desafios e possibilidades que o trabalho em grupos propicia dentro da sala de aula, bem como as limitações impostas pela escola ou famílias.

2.2 O que são grupos?

Dialogar acerca da validade e concepção de grupos na sala de aula é também compreender a relevância da socialização nos inúmeros momentos de nossa existência. De acordo com Madalena Freire (1992, p. 60): “A identidade do sujeito é um produto das relações com os outros. Neste sentido todo indivíduo está povoado de outros grupos internos na sua história.”.

O primeiro grupo em que ingressamos é o da família. É lá que iniciamos nossas tomadas de atitude, nossa forma de ser e estar. Após este, surgirão os demais grupos, na escola ou trabalho. Nos grupos posteriores, reproduziremos os comportamentos e hábitos que foram treinados no grupo familiar. O ser humano tende, naturalmente, à vida coletiva.

⁵ As falas dos alunos, ao longo do texto, serão colocadas em destaque através da escrita em itálico.

Piaget (1998) destaca que existem três pontos principais acerca da socialização intelectual da criança cuja compreensão é necessária para dialogar sobre o trabalho em grupo.

O indivíduo, inicialmente egocêntrico, só se descobre à medida que conhece o outro. A consciência de si não é inata ao ser humano, é uma construção da conduta social. É dos atritos que surgem na relação com os outros que o indivíduo percebe a si mesmo e passa a se conhecer. Portanto, a cooperação está atrelada à formação da personalidade, já que é no contato com os outros que o sujeito é capaz de tomar consciência de si próprio e de tentar localizar-se entre as outras perspectivas que o rodeiam.

Em segundo lugar, Piaget (1998) estabelece relação entre a cooperação promovida pelos grupos e a objetividade a que eles conduzem. A tendência natural, durante a inteligência sensório-motora, é de satisfazer o eu, submetendo o real aos desejos. Nessa fase, inexistente a objetividade e todas as formas de pensamento infantil, como “a imaginação, a fabulação e a pseudomentira” (p.142) tem como função a satisfação imediata dos desejos infantis. Mesmo depois, quando a criança já procura compreender a realidade sem a transformar, seu pensamento ainda assimila o que foi constituído na atividade do eu. Nos dois casos é a cooperação que estimulará o verdadeiro pensamento, com o qual se renuncia aos interesses próprios em prol da realidade comum e se considera outros pontos de vista.

O terceiro aspecto a ser considerado é a relação entre a cooperação e as regras para o pensamento. No momento em que o sujeito percebe os outros e pensa em função de todos, é exigida uma coerência que não permite a contradição, uma necessidade de ser intelectualmente honesto na conduta do pensamento. Através da relação coletiva, serão aprendidas estruturas normativas que regem o funcionamento social, tais como a reciprocidade.

No conjunto dos três pontos que foram elucidados, Piaget (1998, p. 144) afirma: “Pode-se portanto dizer, a nosso ver, que a cooperação é efetivamente criadora, ou, o que dá na mesma, que ela constitui a condição indispensável para a constituição plena da razão.”.

Nesta perspectiva, o grupo incentivará e desenvolverá a cooperação, envolvendo seus participantes de forma ativa através de um objetivo comum. Para tanto, os alunos terão ouvido, falado e defendido suas opiniões,

ressaltando que, apesar da formação de grupo, todos são únicos e possuem diferentes maneiras de pensar. Nem sempre essas relações são estabelecidas de maneira satisfatória:

E a dificuldade do trabalho de grupo está ligada, essencialmente, ao fato de que não se tem controle sobre a distribuição de tarefas e é bem possível que logo se imponha uma divisão entre idealizadores, executores e excluídos... sendo que a abstenção destes últimos, se forem considerados incompetentes, torna-se uma condição para o êxito coletivo. Assim, encontramos, mais uma vez, diante da priorização da tarefa em detrimento do objetivo, com todos os desvios que isto conduz, quando, ao contrário, seria preciso justamente assegurar-se de que o grupo possibilita a progressão de todos. (MEIRIEU, 2005, p. 196-197)

A construção do grupo deve acontecer por meio da partilha de representações e ações. Cada um assume uma posição de poder e responsabilidade. Desta maneira, nem todos serão os líderes, nem todos falarão constantemente, alguns silenciarão e esta será sua função em determinado momento. O envolvimento nas atividades será exercido por todos, mas não das mesmas maneiras. O grupo é constituído através das diferenças de seus componentes. Por isso, a riqueza do grupo virá do processo de complementação que apenas os que apresentam diferenças serão capazes de realizar. É no que falta em mim que o outro tem a somar e contribuir. Desta maneira, cada um será peça fundamental no andamento e funcionalidade de seu grupo.

Com o objetivo de que todos os participantes do grupo se envolvam de forma efetiva, Meirieu (2005, p.197) defende que o trabalho de grupos deve ser regulado pela organização de intergrupos. Inicialmente, cada grupo desenvolveria uma atividade diferente: “um texto particular a estudar, um exercício específico a fazer, uma parte do capítulo a analisar, um conjunto de palavras a definir, etc.”. Cada grupo se envolverá em sua tarefa, ciente de que depois cada um de seus membros relatará quais foram os conhecimentos adquiridos aos colegas de um novo grupo, no qual ele será o único a dominar o assunto estudado. Dessa forma, durante os momentos do grupo inicial, o aluno se dedicará de modo que consiga explicar o conteúdo e responder as dúvidas dos colegas do intergrupo. Além disso, na presença do intergrupo, o aluno ouvirá outros conhecimentos que foram estudados pelos outros colegas e terá

acesso a novos saberes, verificando e coletivizando aquisições. Essa é uma das escolhas metodológicas que pode ser utilizada pelo professor que institui os grupos e visa o processo cooperativo entre seus envolvidos.

Já a formação do grupo dependerá dos objetivos do professor em determinada situação. Se o momento for de troca de opiniões e criação de hipóteses, é interessante integrar os alunos que tenham diferentes visões de mundo. Desta maneira, eles argumentarão em busca de uma solução para o problema e, mesmo que não seja alcançada a unanimidade, este exercício ampliará a visão dos participantes sobre o assunto em questão. Por outro lado, se o professor espera que seus alunos exercitem um conteúdo, é viável misturar alunos com diferentes níveis de aprendizagem no conteúdo trabalhado. Assim, os alunos que estão mais avançados auxiliarão os que necessitam de ajuda. Ainda é possível organizar os grupos de acordo com áreas específicas de estudo, utilizando-se diferentes materiais para cada grupo. Desta forma, cada grupo será formado com integrantes que possuem a mesma necessidade. Estas são apenas algumas das várias formações que podem ser construídas em uma turma.

Para Madalena Freire (1992), a constituição do grupo passa por três movimentos. O primeiro destes é quando os sujeitos “criam mecanismos de sonegação da informação”, abrindo mão do enfrentamento dos conflitos. Surgem as fofocas e reclamações, bem conhecidas por quem já trabalhou com grupos.

O segundo movimento é o de confrontar o diferente, de criar caminhos para resolução de impasses. Os diálogos passam a reproduzir a identidade de cada um dos sujeitos e a defender suas distinções. O exercício de confrontar o outro vai afirmar que cada um é e pelo que é diferente. É nesse exercício que se aprende que as divergências não são um ato de traição; são, pelo contrário, a aprendizagem prática dos conceitos de liberdade e democracia. Freire (1992) diz: “Eu só posso me ver porque tenho um outro que me espelha o que é diferente de mim. É aí que eu me vejo. Eu sempre preciso do outro para me ver.”.

Esse é o momento em que, reconhecendo o outro e a si mesmo, o sujeito passa a construir a noção de “nós” como grupo. A partir das diferenças que já foram compreendidas e elencadas, será possível perceber as

semelhanças e afinidades que existem entre seus participantes. Percebendo isso, os alunos constatarão que o professor não é a única forma de resolver os problemas, e sozinhos eles enfrentarão seus desafios. Acontece, então, uma ruptura da concepção de professor como transmissor do conhecimento e, por isso, as relações entre alunos e educador serão modificadas.

O terceiro movimento é caracterizado pelo fortalecimento do grupo, da concepção de coletivo. “Antes o exercício de diferenciar-se produzia uma dor dilacerante, um medo mortal. Agora ela já é administrada como ingrediente constituinte do humano, do limitado, do real, do processo de autonomia, do processo de construção democrática.” (FREIRE, 1992, p. 158)

Todos os movimentos já citados que corroboram em favor do exercício da cooperação (PIAGET, 1998) exigem tempo e constante prática. O educador precisará ter seus objetivos claros, bem como as etapas que serão percorridas. Apesar disso, a relevância dessa metodologia é legitimada pela concepção de escola como espaço democrático e socializador. Grossi (1992, p. 45) conclui:

É importante, entretanto, constatar que as teorias construtivistas se afirmam cada vez mais ao nosso ensino pela consistência e pela eficácia dos seus resultados na aprendizagem, sobretudo se estiverem embebidos na interação social e na sua expressão mais alta que é a da consciência de cidadania.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, indicarei as etapas trilhadas para formulação deste estudo. Também entrelaçarei a teoria que sustenta as escolhas e conceitos utilizados nos processos investigativos deste trabalho.

Esta pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, fundamenta-se no conceito de que:

A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária.

Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico. (ANDRÉ, 2012, p. 41)

Compreender desta maneira o estudo de tipo etnográfico, leva a pensar a pesquisa como um estudo de cotidianos e culturas que constituem a escola e seus personagens, incentivando a criação de hipóteses e teorias. Dessa forma, este trabalho não pode ser analisado sem o contexto em que está inserido.

Esta modalidade de investigação exige imersão do pesquisador no ambiente povoado pelos sujeitos selecionados. Através deste estudo, é possível indicar simbolismos e significados que muitas vezes não estão presentes no discurso consciente dos participantes, mas que são encontrados em seus comportamentos, durante as situações observadas. Exatamente por isso, é uma pesquisa que:

Exige do pesquisador um esforço intenso para minimizar os riscos de omissão ou da revelação de dados distorcidos por parte do grupo investigado. Também exige do pesquisador muita sensibilidade para atuar no trabalho de campo, para ouvir, observar e para reconhecer os momentos mais adequados para perguntar, dialogar, enfim, agir. (MARTINS, 2006, p.53)

Outra característica essencial desta pesquisa é seu caráter teórico reflexivo. Motivada através de uma experiência vivida, ela evidencia aspectos teóricos que me influenciaram durante a atual trajetória dos grupos na sala de aula.

Evidentemente, a turma na qual realizei o estágio foi minha aliada na promoção de ideias e reflexões. Desde antes do período do estágio curricular, já atuava como titular na mesma turma – um segundo ano, de uma escola privada da cidade de Porto Alegre - e hoje, enquanto escrevo, permaneço trabalhando neste local.

A memória desta prática é uma das bases da construção deste trabalho. Segundo Maria Teresa Corredoira (2001), a memória pode servir como recurso em um trabalho acadêmico quando o assunto proposto está relacionado aos estudos realizados e se encaixa nas preferências e interesses do pesquisador enquanto aluno, além de se adaptar ao seu tempo ou lugar. De acordo com a autora (p. 81): “A memória é um trabalho científico ainda inserido no processo de ensino aprendizagem próprio dos estudos de graduação.” E, nessa perspectiva, é necessário que este trabalho

[...] evidencie aspectos de conhecimentos adquiridos, pois a memória visa pôr em relevo uma visão científica, sólida e integrada que se obteve da cultura universitária. Isso pode ser posto em evidência através de um tema restrito e delimitado (dadas as circunstâncias inerentes à elaboração do próprio trabalho), mas tratado de forma ampla e abrangente, como por exemplo, considerando aspectos fundamentais de uma disciplina do próprio curso. (CORREDOIRA, 2001, p. 82)

Como complemento e aliado, o Diário de Campo Reflexivo, material produzido durante o estágio, serve de sustentação às minhas lembranças. O Diário contém os planejamentos, objetivos, recursos, estratégias e avaliações de cada semana daquele período. O Diário apresenta minhas perspectivas sobre o que vinha sendo realizado, sobre os progressos e retrocessos que aconteciam em nosso meio. Portanto, é um material que expressa bem quais foram as primeiras reflexões que fiz acerca dos grupos, no período de implementação, e as implicações em cada novo planejamento.

Além das escolhas metodológicas já citadas, me auxiliaram, neste processo, os questionários respondidos por minhas colegas do estágio

curricular do curso de Pedagogia. Suas visões e diferentes realidades me ajudaram a estabelecer paralelo entre o que vivenciam as professoras que trabalham com grupos, mesmo que raramente, com os diversos âmbitos da escola, turma e famílias. Além de investigar quais são, na perspectiva das colegas participantes, os aspectos relevantes para refletir sobre a utilização de grupos.

Em síntese, os recursos que foram empregados na formulação e desenvolvimento desta pesquisa são: observação participante, durante e subsequente ao período de estágio curricular; memória das situações e falas significativas concomitantes a este período; questionário com colegas do estágio curricular, com o intuito de investigar a temática em outras realidades e experiências. Também foi fonte de dados a contemplação teórica dos referenciais que me sustentam na temática discutida.

4 MEMÓRIAS SOBRE GRUPOS E SEUS SUJEITOS

*Coisa boa é um amigo
Pra poder lembrar
Pois são tantas histórias
Tu me ensina a viver
Que eu te ensino a sonhar⁶
Pela vida afora⁶*

Nesta seção, relatarei os principais momentos do estágio que me instigaram a investigar e analisar a temática de grupos. É importante compreender o lugar de onde falo, porque justifica meu incentivo à fuga dos modelos tradicionais de escola, que apresentam outras concepções sobre aluno, sala de aula e professor. Fugir dessas concepções é legitimar a sala de aula como espaço da construção de aprendizagens coletivas e individuais, que não apenas dependem do professor.

Portanto, a escolha do tema desta pesquisa não é baseada no acaso, tampouco no superficial. A predileção que manifesto, em minha prática e discurso, atravessa o que é teórico e aponta para o que foi um marco no meu fazer docente. Acreditar genuinamente nos grupos é o combustível que move este trabalho.

As oscilações de nossa atenção por qualquer dos tópicos nos quais colocamos nossas preferências intelectuais dizem muito de nós, de nossa sociedade e da cultura em um dado momento; delatam nossas sensibilidades. (SACRISTÁN, 2005, p.12)

4.1 Os grupos na turma 21

Vincular o currículo e suas demandas com relação ao trabalho de grupos é instituir a vida em sociedade desde a sala de aula. Quando recordo minhas primeiras semanas nessa nova configuração, percebo que meus objetivos eram no intuito de incentivar uma aprendizagem promovida por todos os sujeitos, descentralizando o foco que existia em mim, enquanto professora. Eu

⁶Fragmento da música “Autorretrato” da dupla Kleiton e Kledir, disponível em <<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

acreditava que, uma vez que as crianças estivessem juntas, elas iniciariam a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia, nas atividades e tomada de decisões. Imaginava que elas comesçassem a ensinar e aprender umas com as outras e não exigiriam mais a minha intervenção em todas as situações. O que eu desconhecia é que a aquisição dessas habilidades exige um longo trajeto de construções e aprendizagens que ainda não tinha sido trilhado com a turma.

Inicialmente, os grupos causaram grande desconforto para a turma. Além de não realizarem as atividades em conjunto, os alunos não permitiam que ninguém olhasse o que vinham desenvolvendo de maneira individual, não permitiam de maneira alguma que alguém copiasse ou procurasse ajuda dentro do grupo. Os grupos passaram a ser um grande desafio. Desafio este que ganhava voz na hora de emprestar materiais, confeccionar trabalhos e nas demais questões relacionadas ao convívio diário. Quando alguém não funcionava de acordo com as expectativas do grupo, eu era chamada para que o aluno fosse retirado do meio. Nenhuma alternativa que ultrapassasse o descarte era aceita pela turma. Até mesmo o próprio aluno, que causara incômodo, solicitava a saída. Percebi, com o tempo, que as crianças apontadas eram praticamente as mesmas sempre. Em alguns casos, o grupo não as aceitava porque elas desrespeitavam regras de convívio que já tinham sido instituídas pelas próprias crianças. Porém, em outros momentos, o grupo as excluía porque apresentavam diferenças em relação aos colegas. As reclamações e lamúrias ganharam espaço e eu me desgastava, diariamente, tentando solucionar os problemas que surgiam a todo instante. As atividades eram constantemente interrompidas por gritos e brigas. Aparentemente, as crianças estavam impacientes e perdiam o controle das emoções mesmo com o menor estímulo.

Até então, eu respondia sempre da mesma maneira, explicava que ninguém trocava de grupo, pois precisávamos aprender a conviver de maneira harmoniosa sem excluir ninguém. Imaginei que essas falas afirmativas alcançariam aqueles alunos e que, com o tempo, os grupos se encaixariam de maneira satisfatória para todos os seus envolvidos. Por isso, fui surpreendida quando um dos grupos solicitou uma reunião para conversar comigo sem a presença do restante da turma. Mais uma vez, o grupo pediu que um dos colegas fosse realocado. Eu respondi com a frase que já vinha se tornando

jargão entre nós, quando fui surpreendida pela fala de um deles: “Nós sabemos que ele não pode trocar de grupo, então se ele não vai, nós queremos sair!” Foi assim que percebi, perplexa, que precisava modificar meus objetivos, meus planejamentos e minhas práticas docentes. Minha fala automática já não era suficiente para convencer nem a meus alunos, nem a mim.

Surgiu, então, meu Projeto Didático-Pedagógico Semestral, requisito obrigatório da disciplina do estágio curricular. Durante seus desdobramentos, o projeto foi nomeado com inspiração em um dos títulos literários utilizados. O livro de Todd Parr (2002), “Tudo bem ser diferente”, foi adaptado e se transformou no projeto “Turma 21, tudo bem ser diferente!”. Na época, escrevi os princípios orientadores que melhor ilustram o momento e as angústias que estavam sendo vividas:

A escolha desta temática não é baseada no acaso de um currículo escolar vazio e sem intenção. Qualquer escolha que passe pela sala de aula denota intenções e objetivos. A convicção no trabalho realizado através de grupos é a motivação deste projeto. Os grupos ultrapassam o que é vivido na escola. Viver em sociedade e assumir um papel ativo como sujeitos é também aprender as normas e estratégias de convivência social, é também trabalhar em grupos durante toda a vida.

Esta escolha atravessa o que é meramente teórico e abraça o que tem sido um desafio para turma e professora. Nada mais natural, não é simples aceitar e respeitar o que vem de fora, tudo que é estranho à realidade, aparentemente única, que conhecemos. Entender isso é ver que o currículo escolar precisa estimular a leitura de mundo, através de significado, de sentido. Para esta turma e professora, trabalhar as relações interpessoais tem e faz muito sentido, é necessário neste momento.

Partindo deste pressuposto, o trabalho em grupo não visa silenciar os incomodados ou até mesmo facilitar as tarefas, visa envolver os integrantes de forma prazerosa em um processo ativo de aprendizagem individual e coletiva. (JANDREY, 2014, p.11)

Foi nesse período que compreendi que, na nossa realidade, era imprescindível um projeto que desenvolvesse o estudo da Diversidade, solidificando os princípios que a permeiam.

Indiscutivelmente, esses apontamentos surgem com base em uma turma específica, o que não pode ser tomado como padrão ou norma. Em nosso contexto, as crianças estavam acostumadas a sentar individualmente e realizar

todas as atividades desta forma. Além disso, da turma analisada, uma minoria possuía irmãos, o que pode ser levado em consideração, já que tinham pouco convívio com outras crianças em seus ambientes familiares.

A proposta deste projeto objetivou incentivar as crianças a encontrarem caminhos para a solução de seus conflitos, estimular a cooperação durante a resolução das atividades e valorizar as diferenças existentes em si e no outro.

No desenvolvimento do projeto, foram utilizados livros infantis que introduziram ou motivaram a reflexão sobre a temática. Utilizar a literatura como recurso principal no desenvolvimento do projeto não foi uma escolha vazia de significado. Valorizar o universo literário é ampliar o repertório que as crianças possuem, é ler o mundo juntamente com a leitura das palavras. Sandroni e Machado (1987, p. 10-11) afirmam que:

No mundo maravilhoso da ficção, a criança encontra, além de diversão, alguns dos problemas psicológicos que a afligem resolvidos satisfatoriamente; percebe em cada narrativa formas de comportamentos social que ela pode apreender e usar no processo de crescimento em que se encontra, informações sobre a vida das pessoas em lugares distantes, descobrindo, dessa forma, que existem outros modos de vida diferentes do seu.

A partir disso, foram propostas atividades que entrelaçassem o que era debatido às percepções de cada aluno. A predileção pelos títulos eleitos está pautada nos critérios de qualidade textual e imagética. O quesito qualidade textual envolve a relação entre o escrito e o imaginário, além da fomentação de interpretações diversas. A riqueza de um livro está naquilo que ele não diz, na possibilidade de inferir informações e atribuir sentido. Os livros selecionados foram: “Livro da família” (Todd Parr, 2003), “Tudo bem ser diferente” (Todd Parr, 2002), “Por favor, obrigado, desculpe” (Pascal Biet e Becky Bloom, 2003), “Eu e os outros: Modificando as relações” (Liliana Iacocca e Michele Iacocca, 2000) e “Caubóis também são bondosos” (Timothy Knapman, 2012).



Figura 1 - Capa do livro "O que livro da família".



Figura 2 - Capa do livro "Tudo bem ser diferente".

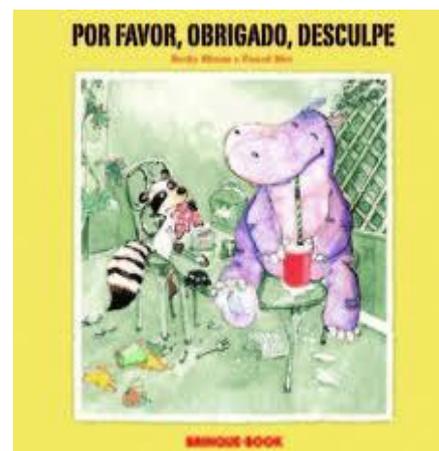


Figura 3 - Capa do livro "Por favor, obrigado, desculpe".

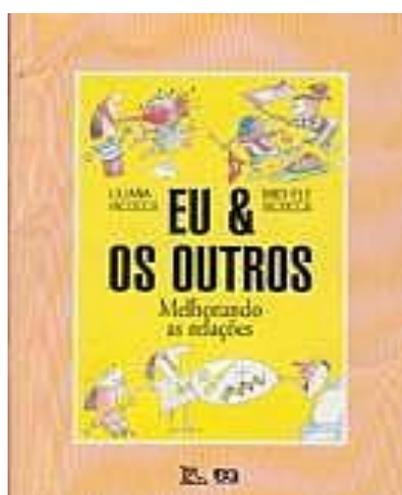


Figura 4 - Capa do livro "Eu e os outros: modificando as relações".

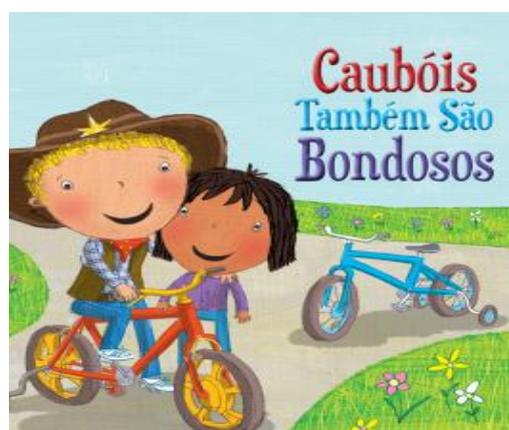


Figura 5 - Capa do livro "Caubóis também são bondosos".

O projeto teve duração de cinco semanas e promoveu diversas mudanças entre a turma. Perceber a riqueza que nossas diferenças proporcionam foi um passo importante para desenvolver o respeito entre os participantes de cada grupo.

Com o tempo, as reclamações perderam força e tornou-se possível visualizar situações em que as crianças resolviam conflitos ou criavam estratégias de cooperação durante as tarefas. Os grupos tornaram-se, lentamente, um espaço para criar hipóteses, aprender e brincar. Na décima semana de utilização de grupos, escrevi:

[...] minha felicidade, nessa semana, consistiu em visualizar tamanho crescimento na autonomia de meus pequenos. Eles já não precisam de mim em todos os

momentos de aflição. E isso não se aplica somente às provas ou durante a escrita nos livros didáticos. As brigas continuam acontecendo, mas consigo ouvir algumas soluções que surgem entre eles e que não chegam até mim. Eles só apelam à professora quando não encontram solução aparente e não conseguem solucionar o problema sozinhos. Isso é crescimento! (JANDREY, 2014, p. 88)

Ainda no andamento do projeto, constatei que as regras que possuíamos não se aplicavam mais as nossas rotinas e aos nossos espaços. Todas as combinações tinham sido determinadas com base na turma do início do ano, que sentava de maneira individual e realizava as tarefas dessa mesma maneira. Então, no quarto encontro do projeto, criamos novos acordos para a turma. Pensamos juntos em regras que ajudassem no andamento e sucesso dos grupos. Dessa maneira, adaptamos o que era necessário e repensamos outras urgências do momento. A turma ficou satisfeita em participar de forma ativa desse processo e passou a valorizar as combinações que havíamos criado. Nas falas evidenciou-se a compreensão de que as novas regras ajudariam a todos, porque foram elaboradas a partir de problemas reais que a turma elencou. Essa foi uma etapa significativa na evolução dos grupos.

Depois desse episódio, cultivamos um novo costume entre nós. Semanalmente, dedicamos um tempo a conversar sobre os avanços que alcançamos, as aprendizagens que construímos e os progressos que ainda se fazem necessários, tanto com relação às atividades quanto aos comportamentos e hábitos. Atribuiu-se um caráter de reunião a esses momentos, uma espécie de assembleia. Todos podem manifestar-se no grande grupo. Conversamos sobre as situações marcantes da semana e relembramos os aspectos mais significativos. Temos afirmado em nossas práticas a concepção de que somos um time, cada um com sua função, todos essenciais; por vezes no grande grupo, por vezes no pequeno. Nessa perspectiva, os interesses coletivos são prioridade, e, assim, vamos vivendo e aprendendo sobre sociedade e democracia dentro da nossa sala de aula.

Enfatizo a influência da utilização de grupos também nos processos de alfabetização da turma 21. De acordo com meu levantamento, no início do ano letivo, dezoito alunos já se encontravam ativos no desenvolvimento da leitura e escrita. Entretanto, seis meninas ainda não realizavam a leitura de palavras

completas, apenas de sílabas de menor complexidade. Estavam no nível Silábico-Alfabético, segundo a categorização estabelecida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999). Instituí, então, aulas complementares para essas meninas, no contraturno. Juntas, realizávamos, mais uma vez, as atividades através do grupo. Porém, nas aulas regulares, elas misturavam-se entre os grupos com os demais colegas. Nesse movimento, quando sentiam dificuldades em acompanhar alguma atividade, os demais integrantes do grupo as ajudavam na formação de palavras ou leitura. Depois de cinco meses de trabalho, as seis meninas passaram a acompanhar normalmente as atividades. Esse é mais um dos importantes aspectos do grupo, dividir as responsabilidades de ensino e aprendizagem entre professora e alunos. Elas aprenderam e ensinaram na interação com colegas e professora.

O modelo tradicional de escola não prevê essa relação entre os sujeitos da sala de aula. Por isso, a princípio, as crianças me pediam autorização para ajudar os outros colegas. Apesar de eu incentivá-los nesse processo, eles mostravam-se inseguros, quase temerosos. Não acreditavam que essa era a atitude certa, afinal eles não eram professores. Na visão tradicional, não é assim que se aprende. Mas com o exercício constante, naturalizou-se entre nós a troca de saberes. Os integrantes de cada grupo assumiram a tarefa de ajudar quem precisa.

Na perspectiva das crianças, o trabalho também foi avaliado quando lhes pedi que desenhassem seus grupos. No mesmo dia, sentamos em roda e conversamos sobre os desenhos e sobre a organização da nossa sala. Elas elencaram diversos aspectos que exemplificam ricamente o que tem sido narrado neste capítulo. Em seguida, constam algumas das produções, cada uma legendada com a fala do autor do desenho:

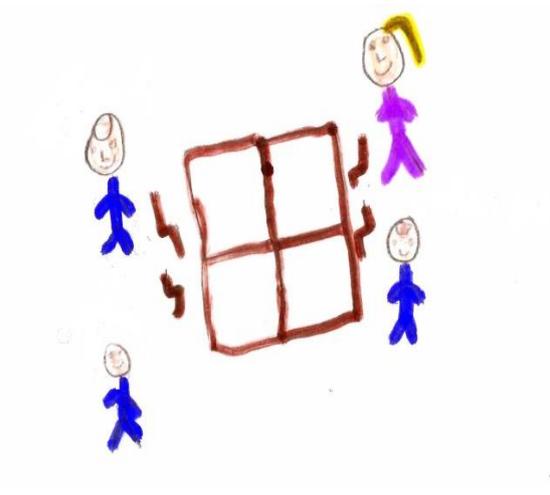


Figura 6—“Lá no grupo todos são legais comigo. Isso é bom, porque eles brincam comigo e quando eu estou triste me animam.”

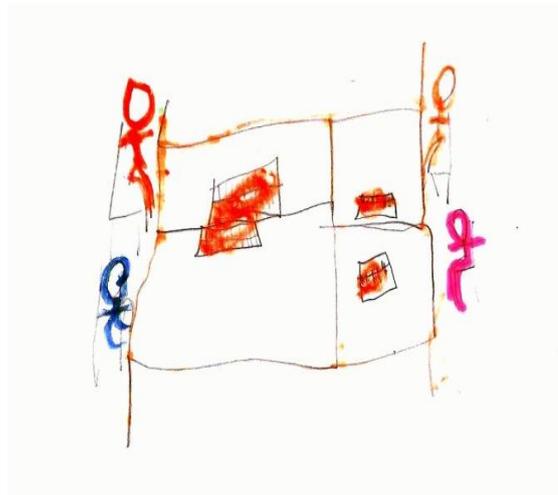


Figura 7—“Eu gosto porque é bom sentar perto dos amigos.”

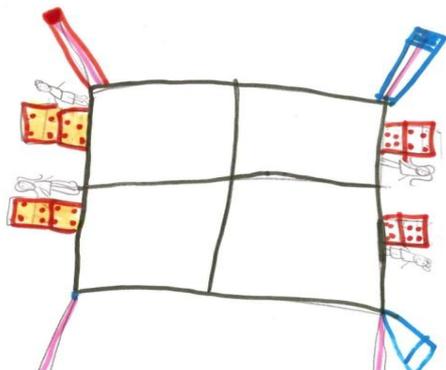


Figura 8—“Eu gosto muito do meu grupo porque eles me ajudam nas atividades.”

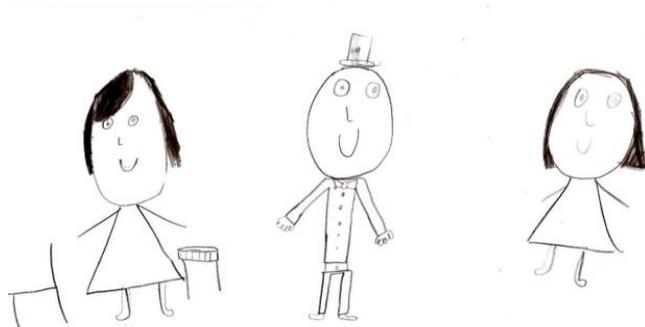


Figura 9—“O grupo é legal porque a gente se ajuda e empresta o material também.”

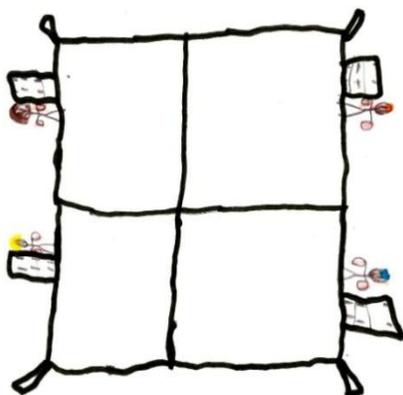


Figura 10—“Adorei esse negócio de grupo! A gente se diverte e conta piada...”

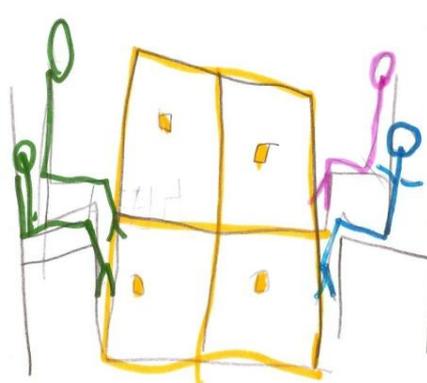


Figura 11—“Eu acho que o grupo é bem legal porque a gente pode jogar cartinha juntos.”

Vivenciar a sala de aula através dos grupos é uma prática que exige diálogo e reflexão constantes. Entretanto, quando bem planejada e desenvolvida, agrega incalculável valor aos momentos cotidianos e estimula uma série de discussões que ultrapassam o currículo escolar.

4.2 Embates na escola: uma narrativa sobre resistências

A espacialidade escolar instituiu-se numa ordenação impessoal, burocrática, administrativa, verticalista, hierarquizada, portanto racionalista, justificando o pensamento unidimensional da Ciência Positivista; joga o outro mundo do sujeito nas trevas.⁷

A escolha pelo trabalho com grupos é pautada em uma concepção de escola e de seus ambientes, escolha essa que atribui outra função ao professor e a seus alunos. O exercício diário dos grupos promove diálogos constantes entre seus participantes, estimula a troca de saberes e o olhar sensível ao que vem de fora. Sentar-se com outros não modifica apenas a configuração da sala, mas acarreta também uma nova percepção acerca das responsabilidades, regras e movimentos. Viver de perto com outros colegas motiva a interação e construção de hipóteses, não apenas durante as atividades promovidas. É essa movimentação entre as crianças que, muitas vezes, é mal compreendida pela gestão da escola ou demais professores.

Logo que os grupos foram instaurados, surgiram questionamentos e comentários negativos sobre a modificação de nossa sala. Essas falas não foram surpreendentes, já que, na instituição, nenhum professor utiliza grupos em suas aulas.

Desde o início do ano, nosso 2º ano da tarde divide a sala com o 5º ano da manhã, cada qual com sua professora. Na segunda semana de utilização de grupos, a responsável pela limpeza conversou comigo sobre as modificações das mesas e cadeiras. Ela me explicou que não teria tempo hábil para limpar as salas e arrumar as cadeiras a cada dia, por isso, havia conversado com a professora da manhã, e esta estabeleceu que minha turma deveria arrumar a

⁷(Ivete M. Keil e Maria de Fátima M. C. Monteiro, 1992, p. 261).

sala e deixá-la “como a encontrou”. Desta maneira, além de organizar os grupos quando chegássemos, tínhamos que reorganizar em fileiras antes de sair, ao fim da aula. Isso me pareceu um tanto arbitrário, já que os alunos da manhã são três anos mais velhos e poderiam ajudar nessa tarefa. Incomodada com a situação, fui até a coordenação que resolveu a questão de maneira simples: nós arrumaríamos em grupos ao início de cada aula, e os alunos do 5º ano arrumariam em fileiras quando chegassem pela manhã.

Infelizmente, esse não era o fim do que viria a ser considerado “insanidade” por algumas colegas. Hoje, quando algumas professoras visitam minha sala, olham com perplexidade para as mesas organizadas em quartetos. Talvez porque imaginaram que seria algo passageiro e efêmero. Muitas vezes ouvi a frase: “Como tu aguenta, Kamila?”, e se respondo que o trabalho em grupos oportuniza outras intervenções que não a tradicional e que aprecio isso, escuto a complementação: “Tu só *pode* ser louca”.

É intimidante trabalhar a formação de grupos em um ambiente como esse, ainda assim tem sido possível. Quando, após as férias, aconteceram substituições na gestão, tive que, mais uma vez, argumentar sobre a validade da configuração de minha sala de aula. Surgiram questionamentos como: “tu continuarás trabalhando assim até o fim do ano?”, “de que maneira tu disciplinas essas crianças?”, “eles copiam uns dos outros nas avaliações?”.

Neste contexto, enquanto escrevia este trabalho, fiquei doente e tive que me ausentar da escola por dois dias. Recebi, então, a ligação de uma amiga e também professora da instituição que dizia hesitante: “Kamila, passei pela tua sala... teus alunos estão todos em fileiras!”. Ouvi entristecida, pensando no que as crianças me diriam no dia em que eu voltasse. Fiquei temerosa de que perguntassem se os grupos são só meus, já que quando eu saio, eles deixam de ser utilizados. Essa é minha aflição enquanto cruzo os corredores e vejo as demais turmas voltadas as suas professoras, todos em silêncio, devotos e disciplinados.

Estudar os grupos e suas possibilidades é algo extremamente pessoal para mim, é, antes de tudo, justificar porque os utilizo, além de evidenciar que são possíveis e que promovem a aprendizagem.

5 DIÁLOGOS DA PRÁTICA

*Coisa boa é um amigo
Pra poder revirar
O que ficou na lembrança
Tu me ensina a viver
Que eu te ensino a sonhar
Cheios de esperança⁸*

Este capítulo dedica-se à análise e à reflexão sobre os dados obtidos através do questionário (em apêndice). As questões foram aplicadas a oito estudantes do curso de Pedagogia, todas colegas do estágio curricular. A distinção entre as participantes está na modalidade de estágio, pois seis delas realizaram suas práticas no Ensino Fundamental, uma na Educação Infantil e uma na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

5.1 O questionário

Com quatro perguntas de caráter discursivo, o questionário teve a finalidade de suscitar opiniões e experiências sobre a utilização de grupos na sala de aula. As respostas possibilitam compreender outras realidades que foram vividas durante o estágio, já que as estudantes realizaram suas práticas docentes em diferentes escolas da cidade de Porto Alegre. Dessa maneira, pretendo tornar mais abrangente este estudo, evidenciando outros caminhos traçados por diferentes sujeitos e contextos.

O primeiro levantamento realizado tem relação com a sala de aula no momento anterior à entrada da professora estagiária. Perguntei as minhas colegas: **“Em observação anterior à prática na turma do estágio curricular, qual era a organização da sala de aula?”**.

A segunda pergunta pretendeu resgatar as memórias sobre as vivências com grupos durante o período do estágio, permitindo que a participante narrasse momentos significativos sobre a temática. Questionei: **“Durante teu período de estágio, vivenciaste alguma experiência de grupos na sala de aula? Discorra sobre o assunto.”**.

⁸Fragmento da música “Autorretrato” da dupla Kleiton e Kledir, disponível em <<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

A terceira questão teve o intuito de relacionar as práticas de grupos com a postura das escolas e famílias. Como os grupos nem sempre são utilizados, eles podem causar estranhamentos no meio escolar. Indaguei: **“Com relação à experiência anteriormente descrita, recebeste algum retorno da instituição ou famílias?”**.

Por fim, a quarta questão objetivou identificar características importantes dos grupos, de acordo com a visão das participantes: **“Na sua perspectiva, quais os aspectos mais relevantes da utilização de grupos na sala de aula?”**.

As respostas utilizadas na análise foram reproduzidas conforme a escrita das participantes, porém sem a identificação de seus nomes.

5.2 Análise de textos e contextos

Inicialmente, os questionários apontam diferentes organizações de salas de aula que foram encontradas no período de observação das alunas de estágio. É importante salientar que essas disposições foram planejadas pelas professoras titulares de cada uma das turmas em que as participantes realizaram seus estágios curriculares. Das oito turmas envolvidas, uma sentava-se em fileiras individuais, quatro em formato de semicírculo e três em duplas.

É imprescindível considerar os diferentes contextos que foram encontrados pelas alunas que, futuramente, desenvolveriam suas práticas docentes do estágio. Cada ambiente já possuía sua própria organização. Essa configuração define dois importantes aspectos para essa pesquisa: como os alunos estavam habituados a trabalhar e quais eram as concepções da professora titular.

Nas realidades mencionadas, as experiências com grupos foram obtidas através da utilização ocasional ou permanente. Quatro alunas optaram pela organização constante de grupos em suas salas, enquanto que as demais quatro alunas decidiram utilizar os grupos apenas em atividades eventuais. Para prosseguir com a análise, estabeleço paralelo entre as duas metodologias escolhidas pelas entrevistadas.

As participantes que utilizaram os grupos permanentemente apontam, em seus relatos, situações negativas que surgiram a partir da reorganização realizada na sala de aula. Enfrentaram barreiras impostas pela professora titular, famílias ou instituição. Além disso, uma das entrevistadas indicou as dificuldades disciplinares que surgiram no período de adaptação:

Foi difícil, complicado. No início, as crianças não respeitavam regras, não se ajudavam. Aos poucos, com as auto avaliações semanais, foram se dando conta de que suas ações atingiam os demais integrantes do grupo. Foram aprendendo a enxergar o outro e a compartilhar.⁹

A fala desta estagiária evidencia o processo, já citado, de movimentação que é incitado pelo grupo. O aluno é incomodado com a presença do outro, do diferente. Porém, quando começa a enxergar o outro, enxerga também a si mesmo. O grupo passa a ser o “nós”, as decisões já precisam ser pensadas levando em consideração o coletivo. Ela ainda contou que as famílias não aprovavam a organização através dos grupos:

[...] disseram que os alunos possivelmente melhorassem se eu separasse os grupos. Inclusive, a professora titular chegou a sugerir isso, mas não impôs. Nas sextas, quando ela atuava como regente separava, os alunos em fileiras.

A narrativa de outra colega é semelhante:

Durante três meses tentei utilizar grupos na minha sala, mas devido ao ‘burburinho’ fui orientada pela coordenadora a não empregá-los mais. Assim, voltei às fileiras, pois segundo a coordenadora dessa escola privada, os grupos favoreciam a bagunça e não o aprendizado satisfatório das crianças.

Esse não foi o único caso em que a entrevistada abandonou os grupos devido à pressão sofrida. Outra colega conta:

Vivenciei durante o estágio, momentos ricos através dos grupos que propus após a segunda semana, mas não duraram muito... A professora titular “sugeriu-me” desfazê-los, uma vez que os alunos estavam muito agitados.

⁹ As falas das entrevistadas estarão em destaque, através da escrita em itálico, mesmo quando criam um parágrafo recuado, por constituírem três ou mais linhas.

Em outra escrita, é possível ver, mais uma vez, a interferência da professora titular na metodologia adotada pela aluna de estágio:

Montamos grupos no segundo mês do estágio, anteriormente as crianças sentavam em formato de U. Foi uma experiência bem difícil devido aos receios da professora titular. Com o tempo, as brigas e discussões entre as crianças começaram a incomodar a professora titular que solicitou uma mudança na sala. Percebi que alguns grupos funcionaram melhor que outros em decorrência de sua composição. Alunos mais agitados eram 'influenciados' pelos mais calmos e vice-versa. Quanto às famílias, houve reclamações de pais de alunos que eram importunados por outros.

Sem dúvida, um dos grandes desafios do trabalho de grupos em sala de aula é convencer de sua legitimidade aos pais, demais professores e escola. Parece-lhes que a escola tradicional baseada em aulas expositivas e centrada na oralidade é o melhor modelo para a escola que temos agora. Parece-me que desconhecem outras maneiras de aprender... Aprender construindo, participando, interagindo, trocando saberes e experiências... Consigo compreender essa visão, histórica, que vem de algumas famílias, mas me recuso a minimizar o espanto de ouvir os discursos de outros professores e gestores que povoam nossas escolas.

Apesar das inúmeras tentativas de superação, a escola, em sua forma mais tradicional, continua sendo propagada em grande escala. Sobre essa representação de escola, Guzzoni (1995, p. 31) adverte:

As regras estabelecidas para o funcionamento "adequado" da escola sugerem o que se denomina de escola-empresa. Esta deverá responder a resultados esperados, garantidos pela hierarquia, pelo planejamento, pelo cumprimento de horários; por sua vez, em sala de aula, o aluno deverá se "comportar" e o professor estará interessado em saber se o aluno aprende e não como e por que aprende.

As demais participantes do questionário indicaram a presença de grupos em atividades ocasionais. Essas atividades incluem jogos ou tarefas como "lavar as mãos", por exemplo. Uma das entrevistadas acrescentou que, quando dividia sua turma em grupos, utilizava como critérios: "montava grupos por nível

alfabético, em outros momentos, dividindo entre meninos e meninas.” Esses critérios não foram os mesmos adotados por outra participante:

Por vezes, os grupos eram determinados pela proximidade das mesas, outros por afinidade, algumas vezes determinados por mim ou pelos próprios alunos. Às vezes, grupos de seis; outras vezes trios, duplas...

A entrevistada que realizou seu estágio na turma de Jovens e Adultos (EJA) explica como funcionavam os grupos durante os exercícios matemáticos:

Os momentos de grupos ocorriam, principalmente, nas aulas de Matemática, pois os alunos trabalhavam com Material Dourado e, na realização das operações, se ajudavam no manuseio do material e na realização da conta.

Com relação às percepções sobre a turma, uma das entrevistadas destacou:

Estas atividades apesar de, a princípio, gerarem bastante bagunça, eram muito proveitosas e prazerosas. Os alunos gostavam bastante da proposta e alguns, que na maioria das vezes, não demonstravam interesse nas aulas participavam e acabavam liderando os grupos.

A mesma entrevistada ainda conta qual foi a reação da professora titular: *“A professora titular elogiava a criatividade das propostas e dizia que já não tinha paciência para realizar atividades do tipo.”*

Nestas experiências, as alunas não evidenciaram nenhum tipo de retorno das famílias ou escola, com exceção da última descrição que diz respeito à professora. Já no caso específico da turma de EJA, a entrevistada explicou que os próprios alunos falavam sobre as atividades que eram realizadas, através dos grupos, de forma muito positiva e que demonstravam grande apreciação durante esses momentos.

Através desse segundo grupo de análise, é possível dizer que o trabalho de grupos só é considerado um problema quando modifica de forma permanente a sala e sua organização. Algumas atividades que foram realizadas através de grupos não causaram o mesmo estranhamento vivenciado pelas primeiras entrevistadas. É interessante analisar esse aspecto que foi indicado pelas respostas. Em um contexto de grupos ocasionais, surge

uma fala de caráter positivo da professora regente. Será que se a mesma aluna tivesse instituído os grupos, de maneira constante, a percepção da professora seria a mesma?

Em geral, as participantes da pesquisa elencam diversos aspectos relevantes da utilização de grupos na sala de aula. Os grupos foram descritos como:

[...] fundamentais, auxiliando não apenas nas questões ligadas à aprendizagem, mas também nos relacionamentos interpessoais. Os grupos ajudam na construção do cidadão, no respeito, na autonomia e na resolução de impasses com os colegas.

Ainda no que diz respeito à socialização, uma das entrevistadas declarou:

a possibilidade de interação, construindo ou fortalecendo amizades e também aprendendo com o outro; transmite a ideia de responsabilidade por perceber que aquilo que faço ou deixo de fazer influencia os outros [...],

Esse caráter também foi contemplado por outra colega:

o mais importante é quando a gente percebe que o aluno está se colocando como responsável pelas suas próprias ações dentro do grupo. Percebendo-se como ser social, tornando-se cada vez mais capaz de refletir sobre suas ações com o outro nos diversos segmentos: pequenos grupos, grandes grupos, escola, família, sociedade...

Duas das participantes listaram tópicos que sintetizam suas experiências com os grupos:

O compartilhamento de ideias, de formas de aprender e resolver problemas; A convivência com a diferença, com a diversidade de vários tipos (social, étnica, religiosa, etc.); A possibilidade de atender pequenos grupos de cada vez; Diálogo, paciência e respeito.

A segunda entrevistada elencou: *“Integração; Cooperação; Socialização; Trocas ricas; Interacionismo; Partilha de experiências e materiais.”*

Uma entrevistada ainda lembrou que: “quando existe uma grande diferença nos níveis de alfabetização entre os alunos, o grupo ameniza essa diferença, pois os próprios alunos acabam se ajudando.”

De acordo com outra participante, o mais importante é alcançar a todos os envolvidos: “A atividade proposta deve ser envolvente para a turma, tendo um assunto que gere uma boa discussão. Os grupos não podem ter muitos alunos (no máximo 5 pessoas).”.

Cada perspectiva foi fundamentada nas práticas e na experiência pessoal de cada uma das participantes da pesquisa. Por isso, evidenciamos aspectos distintos que compõem cada discurso. Refletir sobre as respostas obtidas é compreender que existem inúmeras dimensões na utilização de grupos, mesmo quando ocasionais.

Além disso, constata-se que existe um problema há muito arraigado em nossas escolas. A escola de nosso século permanece fundamentada no pressuposto epistemológico de que o aluno é uma tábula rasa, uma folha em branco incapaz de possuir o conhecimento que o professor transmite. Essa visão empirista da gênese e do desenvolvimento estabelece uma relação de opressão entre o professor e seus subjugados. Para tanto, prioriza a disciplina à interação, o silêncio à troca de saberes, a transmissão oral à construção ativa, o individual ao grupo. Por fim, pergunto-me: uma escola que não propicia vivências relacionadas à política, democracia e sociedade conceberá que tipo de país?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Coisa boa é um amigo
Pra poder conversar
E trocar figurinhas
Tu me ensina a viver
Que eu te ensino a sonhar
Cada sonho que eu tinha¹⁰*

O presente estudo contemplou a temática dos grupos na sala de aula. Para tanto, realizou paralelo entre as diferentes concepções da escola tradicional e construtivista, bem como suas respectivas correntes teóricas. O objetivo principal deste trabalho foi, a partir das narrativas de estágio, revelar desafios e possibilidades da utilização de grupos em uma sala de aula.

O primeiro caminho metodológico que pautou este estudo foi a construção dos grupos durante o período do estágio curricular. Essa experiência torna-se significativa para o desenvolvimento desta escrita, já que foi o principal motivador para a escolha do tema e dos autores que sustentam a proposta. Para me auxiliar com precisão no registro, utilizei o Diário de Campo Reflexivo, documento escrito semanalmente durante o período do estágio. Também recorro às falas e aos desenhos que os alunos produziram na intenção de retratar suas percepções sobre nossa sala.

Além dos relatos referentes às experiências vivenciadas na turma 21, este estudo analisa algumas falas de outras alunas da graduação que vivenciaram os grupos em seus estágios. Dessa forma, elas ampliam a discussão sobre o assunto, identificando outros contextos e realidades que foram experienciados com relação à temática em destaque.

Através desse conjunto de experiências, narrativas e análises é possível elencar aspectos relevantes para refletir sobre a utilização de grupos na escola. Baseada no que vivi e no que me contam minhas colegas, identifico como grande desafio, se não o maior, a resistência da gestão escolar e de algumas famílias com relação à proposta de organização de grupos na sala de aula. Em todos os casos em que as alunas propuseram que os grupos tornassem-se

¹⁰Fragmento da música “Autorretrato” da dupla Kleiton e Kledir, disponível em<<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

constantes, enfrentaram os comentários de reprovação ou repressão de professoras, gestão ou famílias. Em alguns casos, este foi um aspecto determinante na continuidade da utilização dos grupos.

Para legitimar essa concepção do que são sala de aula, aluno e professor, recorro, principalmente, a Piaget (1998), Freire (1992) e Meirieu (2005). Através deles, o estudo fundamenta a metodologia de grupos e destaca os movimentos provocados por essa configuração. Esta foi uma das etapas principais da constituição deste estudo. Enquanto professora, no período do estágio, estive envolvida nos inúmeros processos da criação dos grupos, sem conhecer plenamente o referencial teórico que alicerçava minha docência. Assim, muitas vezes, duvidei de sua eficácia e das práticas que realizava. Agora, compreendo melhor cada um dos movimentos de aprendizagem que pertencem aos grupos.

Movimentos de aprendizagem? Que fique claro: no início, os grupos poderão provocar bastante barulho e constante discussão. O professor terá sua paciência testada. Poderão surgir conflitos simultâneos, diários, múltiplos. Os alunos não suportarão uns aos outros. Com o tempo e com o devido encaminhamento, surgirá a acomodação, a reflexão e, por fim, a cooperação. E engana-se quem pensar que esse será o fim. Para o professor que deseja construir uma sala de aula que representa a vida em uma sociedade democrática, esse será apenas o início. Atribuir significado ao que fazemos na escola é uma ação contínua, perseverante. Por isso, exige docentes e discentes em constante movimento, em constante aprendizagem.

Enquanto escrevo as considerações que encerram este trabalho, anseio para que não sejam as últimas que faço sobre a temática. Identifico outras dimensões que ainda precisam ser retomadas e que não o foram principalmente em função do tempo de duração deste estudo. No intuito de enriquecimento da reflexão, seria interessante promover encontros com as crianças e tornar visível quais são suas narrativas sobre a construção dos grupos. Ouvir, verdadeiramente, o que elas têm a nos dizer. Nos limites deste estudo, analisei alguns desenhos e falas, mas não com o enfoque que merece ser desenvolvido. Em cada palavra defendo a concepção de aluno que interage e que constrói conhecimento. Por isso, ainda desejo estudar, futuramente, as

perspectivas infantis sobre uma sala de aula que utiliza grupos. Este é um parêntese que continua aberto para mim.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANITELLI, Fernando. O anjo mais velho. Álbum: “Entrada para raros”, 2003. Disponível em <<http://letras.mus.br/o-teatro-magico/361396/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2014.

ANITELLI, Fernando. Cuida de mim. Álbum: “As claves da gaveta”, 2011. Disponível em <<http://letras.mus.br/fernando-anitelli/1869336/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. *In: Educação e Realidade*, Porto Alegre, 1994.

BIET, Pascal; BLOOM, Becky. Por favor, obrigado, desculpe. Brinque Book, 2003.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Madalena. O que é um grupo? *In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

FREIRE, Madalena. Escola, grupo e democracia *In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

GROSSI, Esther Pillar. Construtivismo: um fenômeno deste século. *In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

GUZZONI, Margarida Abreu. A autoridade na relação educativa. São Paulo, Annablume, 1995.

IACOCCA, Liliana; IACOCCA, Michele. Eu e os outros. Ática, 2000.

JANDREY, Kamila Kniphoff. Diário de Campo Reflexivo. 2014.

KEIL, Ivete Manetzeder; MONTEIRO, Maria de Fátima Mussi Carneiro. Para uma crítica da escola. *In*: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). Paixão de Aprender. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

KNAPMAN, Timothy. Caubóis também são bondosos. Ciranda Cultural, 2012.

LAMAS, Estela P. R.; TARUJO, Luís Manuel; CARVALHO, Maria Clara; CORREDOIRA, Teresa. Contributos para uma metodologia científica mais cuidada. Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MEIRIEU, Philippe. O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 196-198.

PARR, Todd. Tudo bem ser diferente. Panda Books, 2002.

PARR, Todd. O livro da família. Panda Books, 2003.

PIAGET, Jean. Sobre a Pedagogia. Organizadoras: Silvia Parrat e Anastasia Tryphon. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RAMIL, Kleiton; RAMIL, Kledir. Autorretrato. Álbum: Autorretrato, Som livre, 2009. Disponível em <<http://letras.mus.br/kleiton-e-kledir/1521738/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

SACRISTÁN, José Gimeno. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. A criança e o livro. São Paulo: Ática, 1987.

SINOPSES DE LITERATURA INFANTIL



PARR, Todd. **O livro da família**. Panda Books, 2003.

Sinopse: Com frases curtas e envolventes, Todd Parr apresenta as diferenças das famílias, abordando assuntos polêmicos como adoção, diferenças raciais, culturais e sociais.

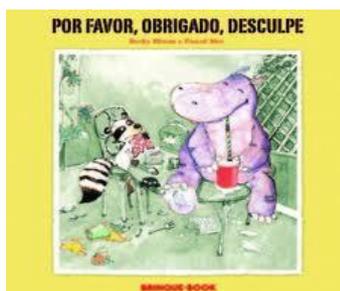
Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/o-livro-da-familia-145792.html>>. Acesso em: 14 de out. 2014.



PARR, Todd. **Tudo bem ser diferente**. Panda Books, 2002.

Sinopse: Este divertido livro traz uma mensagem muito importante para todas as crianças de todas as idades: todos somos diferentes, e por isso mesmo, tornamo-nos especiais.

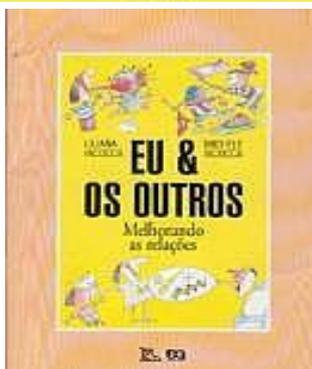
Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/tudo-bem-ser-diferente-120142.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.



BIÉT, Pascal; BLOOM, Becky. **Por favor, obrigado, desculpe**. Brinque Book, 2003.

Sinopse: Como é o que ensinar aos pequeninos para que aprendam a se comportar? Com boa vontade e criatividade, tudo pode se transformar numa engraçada brincadeira, como o passeio de Dudu e Leopoldo em “Por Favor, Obrigado, Desculpe”.

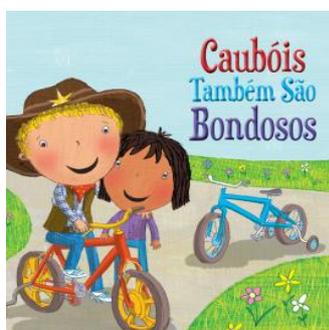
Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/por-favor-obrigado-desculpe-131278.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.



IACOCCA, Liliana; IACOCCA, Michele. **Eu e os outros**. Ática, 2000.

Sinopse: Este livro funciona como um verdadeiro espelho. Nele, os leitores verão refletidas algumas atitudes que às vezes passam despercebidas, mas que interferem muito no relacionamento entre as pessoas.

Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/eu-e-os-outros-melhorando-as-relacoes-424443.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.



KNAPMAN, Timothy. **Caubóis também são bondosos**. Ciranda Cultural, 2012.

Sinopse: Seja bem-vindo ao velho oeste! Descubra como o grande encrenqueiro do parquinho aprendeu a ser gentil nesta divertida história rimada...

Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/4267436-caubois-tambem-sao-bondosos--col-boas-maneiras.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.

Se na pergunta anterior sua resposta foi positiva, responda:

3. Com relação à experiência anteriormente descrita, recebeste algum retorno da instituição ou famílias?

4. Na sua perspectiva, quais os aspectos mais relevantes da utilização de grupos na sala de aula?

Eu, _____, aceito participar da pesquisa da aluna Kamila Kniphoff Jandrey, na certeza de que meu nome será mantido em sigilo.

Porto Alegre, ____ de outubro de 2014.